

A CIDADE DE ÉVORA E A RELEVÂNCIA DO CENTRO HISTÓRICO

Domingas Simplício
Departamento de Geociências
Universidade de Évora

Capítulo do livro:

A Nova Vida do Velho Centro nas Cidades Portuguesas e Brasileiras

Organização: José Alberto Rio Fernandes e Maria Encarnação Sposito

Edição: Faculdade de Letras da Universidade do Porto / CEGOT

Execução gráfica: Gráfica Maiadouro

Depósito Legal: 353758/13

ISBN: 978-989-8648-01-3

A CIDADE DE ÉVORA E A RELEVÂNCIA DO CENTRO HISTÓRICO

ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO E EVOLUÇÃO URBANA

A cidade de Évora localiza-se numa posição relativamente central no interior da metade Sul de Portugal e, muito embora mais perto da fronteira do que do litoral, encontra-se a distância aproximadamente equivalente de uma das mais importantes regiões urbano-industriais do País (Lisboa-Setúbal) e de uma das principais fronteiras (Elvas/Badajoz).

Principal centro urbano de um território cuja área corresponde a cerca de um terço do País, Évora continua, apesar da estagnação demográfica registada na última década, a ocupar uma posição relevante no sistema urbano nacional, como evidenciam instrumentos de política nacional e regional, como o Programa Nacional da Política de Ordenamento do Território (PNPOT) e o Plano Regional de Ordenamento do Território do Alentejo (PROTA).

Em termos geomorfológicos, a cidade situa-se numa vasta peneplanície, da qual ocupa uma área de maiores altitudes (que, no máximo, atingem os 310 m), sendo a sua posição sobranceira na paisagem envolvente bem traduzida na imagem que se obtém à aproximação da cidade; com efeito, esta imagem é marcada pelo casario irregular, disposto em escadaria, para culminar na Sé, constituindo um conjunto que as recentes expansões extramuros, alastrando na base da elevação, têm, em termos gerais, sabido respeitar.

Procurando sumarizar algumas etapas do desenvolvimento urbano conducente à situação actual, importa referir que, embora não se conheça, com rigor, a origem da cidade de Évora, não há dúvida de que ela foi muito anterior ao período romano, visto que esta região apresentava, já na época neolítica, grande ocupação humana. Posteriormente, Évora foi ocupada pelos romanos, tendo adquirido na altura uma importância militar e económica assinalável. Os domínios visigótico e árabe, que se sucederam à queda do Império Romano, terminaram em 1165, quando Évora foi integrada na coroa de D. Afonso Henriques, mantendo a cidade importantes funções defensivas e militares.

Até ao séc. XIV, a urbe confinou-se ao interior da Cerca Velha (de fundação romana), sendo a Mouraria e a Judiaria as primeiras comunidades que se instalaram nos arrabaldes. Este movimento de expansão urbana é responsável pela construção de uma nova cintura de muralhas (Cerca Nova).

O séc. XVI constituiu para a cidade de Évora um período de riqueza e importância política, económica e cultural já que aqui se instalou a corte por longos períodos originando a construção do Paço Real, de palácios e casas solarengas, conventos, igrejas e colégios.

Preenchida, quase na totalidade, a malha urbana da cidade intramuros, só no final do século XIX, com a implantação do caminho de ferro, em 1863, surgiram as primeiras expansões urbanas situadas fora das muralhas, dirigidas, sobretudo, às classes baixas e intermédias.

O crescimento da área urbana extramuros foi, todavia, relativamente lento até 1940, data a partir da qual as expansões fora da muralha tomam assinalável incremento. De facto, entre 1940 e 1950 decorre o primeiro período de importante expansão extramuros, inicialmente com o aparecimento de um conjunto de bairros, ainda destinados às classes de fracos recursos que se fixavam em aglomerados, não planificados, semelhantes às povoações rurais, localizados às vezes, em áreas afastadas da cidade.

Na segunda metade da década de 40, a expansão extramuros, tão acelerada, como já se referiu, com o aparecimento de núcleos espontâneos, vai conhecer uma outra faceta com a implementação de programas de construção de habitação que respeitam o previsto no Ante-plano de Urbanização.

Todavia, as indefinições quanto à efectiva aprovação de um Plano de Urbanização abrangente e adequado aos objectivos pretendidos para a cidade conduziram a que, após um período de expansão urbana moderada, se registasse, no princípio da década de 70, um novo surto de crescimento e expansão de loteamentos "clandestinos". No entanto, contrariamente aos bairros surgidos nos anos 40, com características rurais e ocupados por populações vindas do campo, a partir de 1970 as novas urbanizações, também não planeadas, correspondem, sobretudo, à procura pelos habitantes do Centro Histórico de melhores condições de habitabilidade; consequentemente, entre 1960 e 1981, este sector urbano perdeu um terço da sua população.

Novas iniciativas de planeamento viriam a ser tomadas pelo município a partir de meados da década de 70, procurando travar o avanço e recuperar os bairros "clandestinos" e proporcionar o acesso a loteamentos planeados para dar resposta às necessidades de uma população em crescimento. É nesta ordem de ideias que se enquadra a elaboração, entre 1978 e 1979, do Plano Director do Concelho de Évora¹ que, incluindo também o Plano Geral de Urbanização da cidade, passou a constituir um elemento orientador de praticamente toda a actividade municipal.

Assim, a partir de finais da década de 70, com o P.D.M. aprovado e a política de solos a ser implementada, entrou-se num processo de desenvolvimento urbano planeado com base em iniciativas de loteamentos em solos devidamente urbanizados e cuja promoção, por vezes partilhada, envolveu a Autarquia, as Cooperativas de Habitação, o Estado e, naturalmente, a iniciativa privada.

¹ Esta foi, de resto, uma medida pioneira, pois só em 1982 seria publicada a legislação regulamentadora dos Planos Directores Municipais (PDM).

Para além das medidas incidentes sobre o desenvolvimento urbano extramuros, também o Centro Histórico mereceu a devida atenção em todo este processo de planeamento urbano e como corolário dessa atenção, em 1986 ele foi classificado pela UNESCO como Património Mundial, atendendo às suas características arquitectónicas próprias, onde monumentos e edifícios notáveis, muitos deles classificados, são parte de uma malha urbana que tem nos edifícios e elementos de cariz popular o complemento de que resulta um conjunto cujo valor patrimonial deve ser preservado. Para além disso, o Centro Histórico de Évora, cujo tecido urbano constitui, na opinião da UNESCO o melhor exemplo da "idade de ouro portuguesa", mantém, nas suas ruas e praças, uma intensa vida própria.

Ao longo da década de 90, enquadrado pelos instrumentos de planeamento e gestão urbanística em vigor e por programas/sistemas de incentivo promovidos pelas administrações central e local, o desenvolvimento urbano de Évora foi marcado pela consolidação e pelo lançamento de urbanizações na cidade extramuros e pela recuperação e/ou reconversão de edifícios e espaços públicos e por pontuais novas edificações no Centro Histórico.

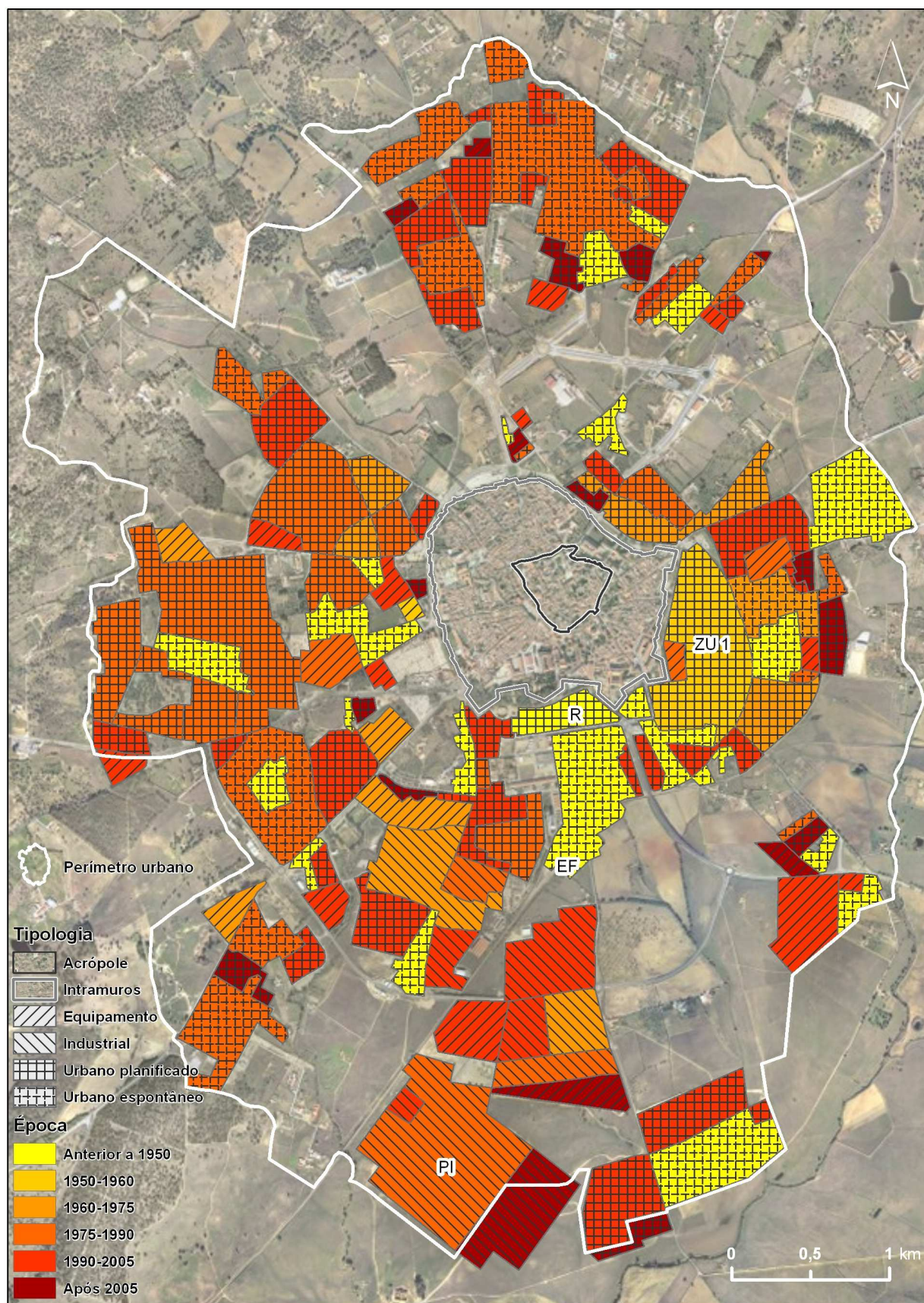
É a partir do enquadramento acima apresentado que se pretende reflectir sobre a forma como o desenvolvimento urbano de Évora, nas suas múltiplas vertentes e abrangências, se confrontou com a procura de um desejável, mas nem sempre conseguido equilíbrio e complementaridade entre o "velho centro" e as novas áreas urbanas.

ESTRUTURA URBANA DE ÉVORA

Em termos de estrutura urbana, a cidade de Évora é constituída por um centro histórico amuralhado, onde se evidencia o núcleo mais antigo, delimitado pela Cerca Velha e marcado pela Acrópole e, na zona extramuros, por um conjunto de cerca de 50 bairros (que se diferenciam pela sua dimensão, tipologia urbana e funcional, época de construção e natureza do processo de promoção), por um conjunto de cerca de 20 áreas comerciais e de equipamentos e por três áreas industriais, localizadas na zona sul (ver Figura 1.)

Como se pode verificar pela análise da figura e de acordo com o que anteriormente foi referido quanto ao processo de planeamento urbanístico da cidade, quase todas as expansões urbanas anteriores a 1950 são habitacionais e de origem espontânea, localizando-se algumas delas bastante afastadas do Centro Histórico. A única excepção marcada por evidenciar alguma planificação é precisamente a primeira urbanização extramuros (assinalada na figura como R, de Rossio), que em Évora, como noutras cidades, é potenciada pela instalação do caminho de ferro (em 1863) e pela definição da estação ferroviária (EF) como novo elemento estruturante da organização urbana.

Figura 1: Évora. Estrutura e evolução urbana da cidade. 2012



Adaptado de Simplício (2009) e completado a partir de levantamentos de campo (2011 e 2012).
Base ortofotográfica obtida através de <http://services.arcgisonline.com/arcgis/services>

Na segunda metade do século XX e até 1975 surgem novas expansões urbanas, com destaque para a Zona de Urbanização Nº 1 (ZU1), promovida pela Administração Pública, tendo em vista, sobretudo, a fixação na cidade dos quadros superiores inerentes ao reforço da sua importância administrativa, e para os primeiros loteamentos privados legais. Neste período surgem igualmente alguns equipamentos e as primeiras áreas industriais.

Entre 1975 e 1990 regista-se uma forte expansão urbana, suscitada pelo reforço da importância de Évora na rede urbana nacional e pela melhoria das condições de vida. A falta de resposta por parte das entidades responsáveis levou a que apenas cerca de metade dessas novas áreas habitacionais respeitasse uma planificação de raiz. De assinalar também a criação de novas áreas industriais, com destaque para o Parque Industrial (PI).

A partir de 1990, todas as novas expansões urbanas são planificadas e regulamentadas. No caso das áreas residenciais e principalmente após 2005, predomina a criação de novas urbanizações que preenchem espaços deixados livres ao longo do processo de urbanização anterior; esta tendência parece vir a alterar-se parcialmente com o novo Plano de Urbanização aprovado em 2011, no qual assume particular relevância a promoção de uma nova extensa área de expansão urbana no sector norte (Unidade Operativa de Planeamento e Gestão - UOPG dos Leões), entre a área adjacente às muralhas e as urbanizações mais afastadas já existentes e que deve "(...) constituir um novo pólo de desenvolvimento que potencie o surgimento de dinâmicas e sinergias favoráveis ao desenvolvimento da cidade (...)" (Plano de Urbanização de Évora – Alteração: Relatório, Janeiro 2011, p. 13).

De facto, deve referir-se que nenhuma das áreas de expansão urbana extramuros se constituiu como um verdadeiro núcleo de vivência urbana parcialmente alternativo ao Centro Histórico, já que pouco mais disponibilizam que o acesso aos bens e serviços básicos e pouco qualificados.

PLANOS E INSTRUMENTOS DE PLANEAMENTO

Atendendo à importância que os instrumentos de planeamento assumem para um correcto e equilibrado processo de desenvolvimento urbano, apresenta-se uma sistematização dos principais planos e programas de suporte que, sobretudo a partir da década de 80 do século passado, foram promovidos para enquadrar e dinamizar o desenvolvimento de Évora, incidindo sobre a totalidade do concelho, sobre a área urbana ou sobre o sector nuclear, correspondente ao Centro Histórico (CH). Essa sistematização é apresentada no Quadro 1. Como se pode verificar, não é certamente pela falta de instrumentos de planeamento que se poderão justificar as dificuldades sentidas em Évora ao nível urbanístico, funcional e social, num quadro de marcada debilidade da base económica que a actual conjuntura regional e nacional acentua.

Quadro 1: Évora. Planos e programas definidos para a cidade e o concelho

Designação	Ano	Objectivos e referências complementares
Plano de Recuperação do Centro Histórico	1981	Recuperar o tecido urbano, melhorar as condições de habitabilidade dos alojamentos e preservar o património histórico-cultural. Foi determinante para a classificação pela UNESCO como Património da Humanidade.
Plano Director Municipal (PDM) de Évora	1985	Estabelecer orientações de ordenamento e desenvolvimento do território para todo o concelho. Pioneiro a nível nacional.
Protocolo entre a Câmara e a Caixa Geral de Depósitos	1985	Conceder empréstimos para obras de beneficiação ou aquisição de habitações no Centro Histórico, com juros bonificados. Vigorou até 1992 e contemplou 75 fogos.
Plano Geral de Urbanização (PGU)	1985	Componente do PDM que visa estabelecer as regras a que devem obedecer a ocupação, uso e transformação do solo na área urbana.
Revisão do Plano Geral de Urbanização	1991	Proceder à revisão do PGU de forma a adequá-lo às novas realidades sociais e urbanísticas e às perspectivas futuras.
Plano Estratégico de Évora	1995	Transformar Évora numa cidade socialmente justa, organicamente integrada na sua região e com projecção internacional.
ÉVORACOM	1997	Promover a modernização urbanística e comercial do Centro Histórico.
Revisão do Plano de Urbanização de Évora	2000	Efectuar nova revisão do Plano de Urbanização (PUE), que implicou alterações ao PDM, designadamente para acertos do perímetro urbano.
Programa POLIS	2001	Promover obras de requalificação paisagística dos espaços exteriores às muralhas entre as Portas do Raimundo e as Portas de Avis.
Estudo de Enquadramento Estratégico para a área do Centro Histórico de Évora	2008	Permitir a formulação de uma consistente operação de reabilitação e revitalização urbana do Centro Histórico de Évora, sob o lema “Évora: recuperar o processo histórico”.
Revisão do Plano Director Municipal de Évora	2008	Actualizar e aprofundar o PDM como instrumento regulamentar municipal para o ordenamento do território, o desenvolvimento local e a dinâmica dos espaços.
Plano de Desenvolvimento Estratégico de Évora	2009	Formular um instrumento orientador da estratégia de desenvolvimento do concelho de Évora, tendo como horizonte temporal de referência o ano de 2020.
Revisão do Plano de Urbanização de Évora	2011	Proceder a nova revisão do PUE, através da introdução de alterações e ajustamentos, face ao actual contexto, e às perspectivas e propostas de desenvolvimento da cidade.
Agenda 21 Local	2011	Promover, com o envolvimento dos diversos agentes, a concertação e a formação de parcerias para a construção de uma estratégia de desenvolvimento local sustentável.
Programa Acrópole XXI	2011	Revitalizar o núcleo urbano da cerca velha do Centro Histórico de Évora através da promoção de acções de regeneração urbana.

Fonte: Elementos disponibilizados pelos serviços da C. M. de Évora (um particular agradecimento é devido à colaboração prestada pelo Dr. Nuno Camelo)

De facto, o diagnóstico dos problemas e das dificuldades está perfeitamente identificado ao longo dos diversos planos que também têm consolidado a formulação das medidas e propostas para os ultrapassar; e mesmo quando, em 2001/2002, ocorreu a alteração da força politicamente dominante no concelho, apesar de alguns compreensíveis ajustamentos, as grandes referências para a estratégia de intervenção identificadas nos instrumentos de planeamento permanecem, ainda que eventualmente adaptadas às novas conjunturas ou formas de actuação.

A título de exemplo, refira-se que, nos diversos instrumentos de planeamento é recorrente a identificação dos problemas inerentes à redução e envelhecimento da população do CH e a

deterioração do estado de conservação dos edifícios, com a correspondente proposta de incentivos à fixação dos jovens e a promoção de apoios à renovação urbana como solução para atenuar esses problemas. Todavia, apesar de identificados os problemas e formuladas as propostas para os resolver (ou, pelo menos, atenuar) a situação tende a subsistir e a voltar a ser considerada prioritária no plano seguinte. Isto significa que as medidas e acções para concretizar as propostas não são implementadas de acordo com o previsto, para o que contribuirá um conjunto de factores que, entre outros, incluem a capacidade de organização e mobilização das entidades e agentes e a disponibilização dos meios financeiros.

Complementarmente à importância atribuída à elaboração e actualização dos instrumentos de planeamento, devem igualmente referir-se outras medidas que visam o aprofundamento e partilha de experiências, a formulação conjunta de estratégias e o reforço da capacidade de intervenção no sentido de contribuir para o desenvolvimento das cidades e dos territórios; estão neste caso a participação em redes de cooperação entre cidades com afinidades e a celebração de acordos de gemação. Em Agosto de 2012, a cidade de Évora integra oito redes de cooperação subordinadas a diversas temáticas (com predomínio para a cultura) e tem em vigor protocolos de gemação com quatro cidades.

ALGUNS INDICADORES ESTATÍSTICOS

Embora no processo de elaboração dos diversos instrumentos de planeamento e na definição das linhas programáticas dos planos de gestão e das estratégias de intervenção sejam evidenciados parâmetros que revelam as potencialidades quanto ao crescimento e desenvolvimento da cidade, alguns indicadores estatísticos recentes revelam-se menos auspiciosos. Esta situação é evidenciada na tabela 1 e no quadro 2, que se referem à evolução demográfica e à procura turística, respectivamente.

Como se verifica, os resultados provisórios dos censos de 2011 indicam que a população residente no concelho de Évora estagnou ao longo da última década, contrariando as projecções demográficas consideradas no PDM (formuladas em 2007) e que, mesmo para o designado “cenário de contenção”, apontavam para um crescimento de 2,6 % (e de 10,3 % no “cenário desenvolvimentista”) (Plano Director Municipal, Relatório; volume II – Proposta, Dezembro 2007).

Particularmente preocupante continua a ser a perda de população residente no Centro Histórico, correspondente a 16% na última década e que se aproxima dos 40% relativamente a 1991. De facto, a população residente neste sector tem vindo a decrescer desde 1940 e relativamente ao valor então registado (cerca de 18 500 habitantes), a população actual corresponde a apenas cerca de um quarto; e se é certo que em 1940 a

densidade populacional poderia considerar-se excessiva e responsável por deficientes condições de habitabilidade, actualmente a desertificação demográfica, sentida sobretudo em alguns subsectores fora dos horários laborais, reveste-se de uma não menor gravidade, em termos da própria preservação do CH.

Tabela 1: Évora. Evolução populacional 1991-2011

	2011 (resultados provisórios)					2001	Variação 2001-2011 (%)					1991	Variação 1991-2011 (%)		
	Total	%					Total	Total	0-14	15-24	25-64			65+	Total
		0-14	15-24	25-64	65+										
Concelho de Évora	56 596	14,4	10,4	55,4	19,8	56 519	0,1	-3,3	-26,0	5,4	7,8	53 754	5,3		
Centro Histórico	4 738	8,5	9,1	50,0	32,4	5 668	-16,4	-17,0	-30,8	-7,8	-22,9	7 842	-39,6		
Cidade extra-muros	40 612	15,2	10,7	56,8	17,3	39 138	3,8	-1,0	-26,0	8,3	22,7	34 557	17,5		
Área urbana	45 350	14,5	10,6	56,1	18,9	44 806	1,2	-2,1	-26,4	6,5	11,0	42 399	7,0		
Área rural	11 246	14,1	9,8	52,4	23,7	11 713	-4,0	-7,6	-23,9	0,7	-1,3	11 355	-1,0		

Fonte: INE, Censos de 1991, 2001 e 2011 (resultados provisórios).

Para além da redução populacional no CH, assinala-se igualmente o seu envelhecimento, já que a população com mais de 64 anos representa, em 2011, cerca de um terço do total e que na última década a população com menos de 25 anos diminuiu 25%.

É esta redução e envelhecimento da população que, associada a problemas decorrentes da degradação de alguns edifícios (segundo o estudo “Évora: Recuperar o processo Histórico”, realizado em 2008 pela Parque Expo, cerca de 18% dos edifícios encontravam-se em mau estado de conservação ou em ruína) e à ocorrência de situações de carência social (pobreza, falta de conforto habitacional, solidão e insuficiente apoio institucional) tende, como se refere no “Diagnóstico Social das Freguesias do Centro Histórico de Évora”, elaborado em 2007 pela “Comissão Social Inter Freguesias do Centro Histórico de Évora”, a criar condições para a *“emergência de territórios de risco social (...) que começam a alojar outras problemáticas, que podem até não ser novas, mas são sem dúvida preocupantes; a prostituição e a marginalidade começam a adquirir maiores dimensões, perturbar a vida quotidiana dos habitantes, trazendo insegurança e problemas de vizinhança (...)”*.

Esta é, claramente, uma questão que merece a devida atenção por parte de todas as entidades responsáveis e que não pode limitar-se à formulação, em sucessivos planos e estudos, das propostas de resolução.

Ainda no que respeita aos indicadores estatísticos, importa igualmente salientar que, mesmo numa área em que Évora possui fortes argumentos e potencialidades, como é o sector do turismo, parecem colocar-se algumas ameaças que, uma vez mais, a conjuntura sócio-económica actual não favorece. De facto, embora a cidade, ou mais correctamente, o CH continue a evidenciar elevada capacidade atractiva do ponto de vista turístico (e, como adiante se verá, isso se tenha traduzido num significativo reforço da organização funcional, com a construção de novos empreendimentos turísticos e a criação de empresas de animação turística), a consulta dos registos da Divisão de Promoção Turística da C.M. de Évora suscita alguma apreensão. Na verdade, após alcançar o valor máximo de quase 450 000 visitantes em 1999, a afluência turística tem registado algumas oscilações, mas com valores sempre muito inferiores àquele, para nos últimos quatro anos representar apenas cerca de um terço (ver quadro 2).

Quadro 2 – Évora. Afluência turística 1997-2011

Anos	Nº de visitantes
1997	249 250
1999	448 508
2001	209 468
2003	137 513
2005	146 122
2007	172 929
2008	140 500
2009	148 362
2010	131 754
2011	133 941

Fonte: Divisão de Promoção Turística da C.M. de Évora

EVOLUÇÃO FUNCIONAL

A ocorrência de funções nos centros urbanos é em si mesma um espelho da vitalidade e dinamismo desse centro, na medida em que as características da população que reside ou recorre à cidade determinam, em parte, a sua estrutura funcional, já que é o número de potenciais clientes e o seu nível socioeconómico que condicionam a quantidade e diversidade de funções que se instalam num aglomerado urbano.

A estrutura funcional de Évora evidencia a confluência de quatro conjuntos de condicionantes:

- Uma população residente em 2011, na área urbana de 45 350 habitantes, num total de 56 600 do concelho;
- O papel de “capital regional” e de principal pólo de atracção da região Alentejo;
- A reactivação e afirmação da Universidade na década de 80 do século passado;
- O reconhecimento como Património da Humanidade em 1986.

A evolução da estrutura funcional do Centro Histórico, ocorrida ao longo dos últimos 25 anos, reflecte de alguma forma a influência destes mesmos factores. Como aspectos mais relevantes nesta evolução, pode-se referir a quebra significativa dos estabelecimentos comerciais de produtos alimentares (mercearias, padarias, talhos e peixarias). Trata-se de um

ramo de comércio de produtos de consumo diário que justifica uma proximidade relativamente ao consumidor e que viu o nº de unidades funcionais decrescer consideravelmente a partir de 1985; nessa data, existiam no Centro Histórico 70 mercearias, 13 talhos, 6 peixarias e 15 padarias, registando-se actualmente 25, 7, 3 e 5 unidades, respectivamente². Para esta redução do número de estabelecimentos de produtos alimentares, terá contribuído não só a diminuição da população residente na cidade intramuros, mas também a abertura de supermercados de média e grande dimensão nas imediações do Centro Histórico.

Também alguns serviços registaram, no mesmo período, grande quebra como aconteceu com actividades artesanais (alfaiates, sapateiros, correeiros), oficinas de carpintaria e serralharia e de reparação (de automóveis, motocicletas, bicicletas e electrodomésticos). Trata-se de actividades de carácter artesanal ou de pequena indústria, sector que evidencia clara tendência para diminuir o seu peso nos núcleos centrais e históricos dos aglomerados urbanos.

Em contrapartida, alguns ramos comerciais verificaram, a partir de 1985, uma expansão importante não só em termos de aumento das unidades funcionais mas também na diversidade e qualidade de produtos oferecidos. Saliente-se o caso do comércio de vestuário, calçado e acessórios de moda, com a abertura de muitos estabelecimentos, localizados sobretudo no principal eixo de comércio e nas vias de acesso directo à Praça do Giraldo; trata-se com frequência de pequenas "boutiques" de luxo ou de marcas de prestígio nacional ou mesmo internacional, que em Évora eram, anteriormente, praticamente inexistentes (e que uma nova clientela, ligada à Universidade e ao prestígio turístico de Évora, veio justificar).

Outras actividades funcionais que mereceram referência pela evolução que registaram no período considerado são as escolas de música, dança e línguas, criadas quase todas depois de 1985, o mesmo acontecendo com a totalidade das casas de fotocópias e com os bares, discotecas e outros locais de diversão nocturna. A expansão destes serviços é compreensível face às características da população que normalmente lhe está associada; são o reflexo do acréscimo da população jovem e estudantil que a cidade atraiu com a expansão da Universidade.

Por seu lado, a influência do reconhecimento do Centro Histórico como Património da Humanidade em 1986, e conseqüente aumento da afluência de turistas, traduziu-se, na evolução funcional, sobretudo através de três tipos de estabelecimentos: restaurantes, hotéis e similares e lojas de artesanato e de produtos *gourmet*.

A figura 2, que mostra a localização destas unidades funcionais em 1985 e 2012, evidencia que é no número de restaurantes que mais se faz sentir a afluência de pessoas à cidade já

² Fonte: Simplício e Alegria (2001) e levantamentos de campo (2012).

que aqueles quase triplicaram no período considerado, embora se admita não serem apenas os turistas os responsáveis por este aumento de estabelecimentos. Também a população que reside na periferia e trabalha diariamente no Centro Histórico, não se deslocando a casa no período do almoço, contribuirá para a evolução deste tipo de estabelecimentos não só em número, mas na diversidade; com efeito, a par da gastronomia regional surgem hoje várias possibilidades de cozinhas estrangeiras, para diferentes clientela e diferentes gamas económicas.

Os restaurantes concentram-se, actualmente, em torno da área central, localizando-se quase 40 % nas ruas que partem da Praça do Giraldo, a menos de 200 m daquele ponto e nas vias mais importantes ou movimentadas, sobretudo no sector NW da cidade intramuros. Saliente-se, no entanto, que alguns dos melhores estabelecimentos deste ramo surgem em ruas de reduzida importância, todavia, bem conhecidas da clientela específica a que se dirigiam.

Também o número de hotéis e residenciais registou um aumento considerável, existindo actualmente quase o dobro das unidades contabilizadas em 1985. A par da abertura de alguns hotéis de gama superior, localizados nas proximidades da Cerca Nova onde existia espaço disponível e com boa acessibilidade, surgem, mais recentemente, diversos estabelecimentos de Alojamento Local³, numa posição mais central.

A figura 2 mostra que, como seria de esperar, dados os requisitos de acessibilidade, mais de metade dos estabelecimentos hoteleiros se localizam no interior ou em torno da antiga cidade romana, estando os restantes, preferencialmente, junto das principais vias de saída do Centro Histórico ou mesmo fora do perímetro amuralhado embora muito próximo dele.

Saliente-se que não estando aqui referidos alguns hotéis e unidades de turismo rural mais afastados da cidade intramuros (o concelho de Évora registava mais 16 empreendimentos⁴), também eles são o reflexo do reforço da oferta turística de Évora, que igualmente justificou a criação, na última década, de 12 empresas de animação turística⁵.

Perante a contradição deste reforço com a diminuição da afluência turística registada pela Divisão de Promoção Turística da C.M. de Évora (Quadro 2), parece poder inferir-se que ou os registos apenas parcialmente traduzem a afluência (alguns visitantes não são contabilizados) ou a carência de equipamentos e a oferta de serviços eram muito acentuadas, ou ainda, num pior cenário, existe algum risco de sobredimensionamento.

³ Um novo tipo de alojamento, criado no âmbito do novo Regime Jurídico de Empreendimentos Turísticos em 2008 e que tem vindo a ganhar importância nos últimos anos em Portugal.

⁴ Fonte: <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/Pages/servicosnaweb.aspx> (consulta em 25/05/2012).

⁵ Fonte: Idem.

Figura 2: Évora. Evolução funcional entre 1985 e 2012 (sectores associados ao turismo)



Fonte: Simplicio e Alegria (2001) e levantamentos de campo (2012).

Analisando a evolução dos estabelecimentos de venda de artesanato e produtos *gourmet*, um ramo de comércio largamente vocacionado para os turistas, verifica-se que houve, a partir de 1985, um acréscimo de mais de 100%. A evolução registada pelo comércio de artesanato não é só a nível quantitativo (em termos de número de unidades funcionais), verificando-se também na diversidade, tipo e qualidade dos artigos oferecidos, actualmente com uma forte exploração da possibilidade do uso da cortiça para o fabrico de uma vasta gama de objectos e utensílios.

Na rua 5 de Outubro e suas proximidades localizam-se mais de 70% das lojas de artesanato, o que se percebe por este ser o eixo de ligação, Praça do Giraldo - Sé e Templo Romano. Aliás esta preferência de localização já existia em 1985 quando nessa via se registavam 50% das lojas de artesanato do Centro Histórico.

O comércio de produtos *gourmet* é mais recente, tendo os oito estabelecimentos assinalados iniciado a sua actividade nos últimos três anos. De facto este tipo de comércio, associado ao interesse pelos produtos caracterizados pela qualidade dos seus ingredientes e pelo cuidado e rigor colocados na sua elaboração, tem-se desenvolvido recentemente; conjugando-se por vezes com os estabelecimentos de artesanato, estes estabelecimentos localizam-se predominantemente em torno do principal eixo de comércio da cidade intramuros, constituído pela rua Cândido dos Reis, Praça do Giraldo e Largo das Portas de Moura, com uma derivação até à Praça 1º de Maio.

Foi referido, a propósito da forte redução do número de estabelecimentos de produtos alimentares no Centro Histórico (de cerca de 105 em 1985 para cerca de 90 em 1995 e para 50 em 2012), que para tal contribuiria, para além da diminuição da população ali residente, a abertura de supermercados de média e grande dimensão na cidade extramuros.

Importa, no entanto, referir que estes estabelecimentos, embora implantando-se em áreas funcionalmente sub-equipadas, não se constituíram como núcleos de novos centros secundários de comércio e serviços. Na verdade e como evidencia Salgueiro (2007), “o centro histórico de Évora permanece como a única área por excelência de comércio e serviços da cidade”, uma vez que a reduzida diversificação da oferta proporcionada pelos novos estabelecimentos não é suficiente para contrariar o peso da intensa atracção do CH, excepto nos ramos do comércio alimentar, (neste caso é o CH que está sub-equipado, pois apenas subsistem pequenos estabelecimentos), nos artigos e equipamentos para o lar ou para o escritório e no ramo automóvel.

Assim, numa época em que, em cidades com equivalente dimensão e posicionamento no sistema urbano nacional, a instalação de novos centros comerciais e de lazer dá origem a

inequívocas novas centralidades que estabelecem forte concorrência com o centro antigo e podem levar ao seu declínio, em Évora tal não acontece, pelo menos de uma forma evidente.

Com efeito, Évora continua a concentrar no CH a maioria das actividades de carácter comercial e de serviços, pois ali se localiza a maioria dos estabelecimentos dedicados ao comércio não diário⁶, as principais empresas de serviços e a administração pública⁷. Esta situação é ainda mais inesperada perante o facto de o tecido comercial do CH evidenciar apenas uma moderada modernização na sequência do programa ÉVORACOM, pela limitada oferta disponibilizada e pela aplicação de um horário de funcionamento “convencional”, mesmo em estabelecimentos, como os de artigos de artesanato e turismo, em que a maximização do aproveitamento do interesse do potencial cliente deveria ser crucial.

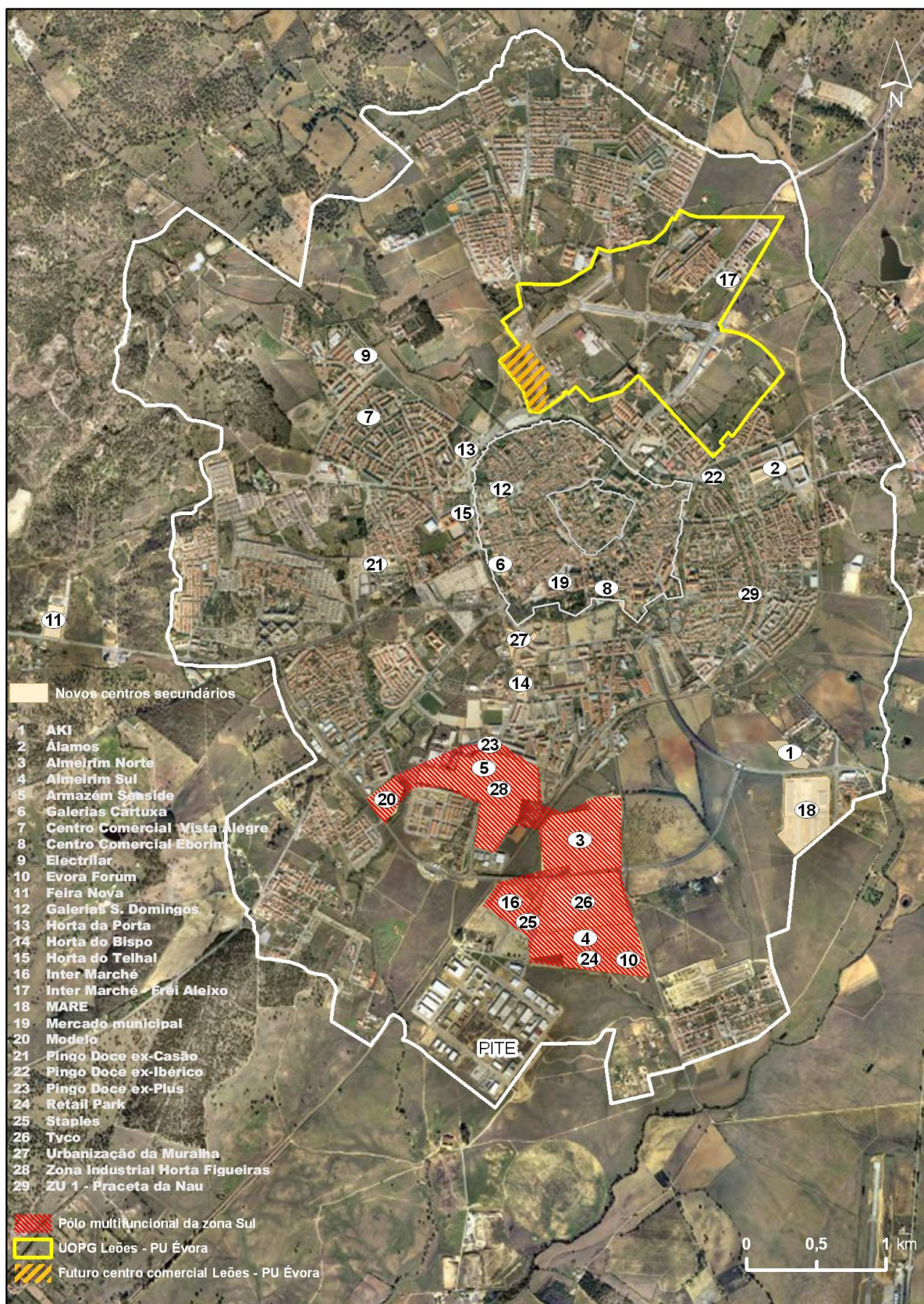
Alternativas ao comércio convencional têm constituído casos de insucesso, sendo paradigmáticos dois exemplos quase antagónicos, pela natureza e localização. É o caso do Centro Comercial Eborim, localizado, embora periféricamente, no CH; dispendo de estacionamento próprio (uma das principais dificuldades geralmente enfrentadas nas localizações centrais) e das duas únicas salas de cinema da cidade, foi inaugurado em 1983, mas após um período inicial prometedor, viria a entrar em progressivo declínio e desde 2009 que se encontra encerrado. O outro exemplo é o Centro Comercial Feira Nova (actualmente integrado na cadeia Pingo Doce); inaugurado em 1991 e localizado a cerca de 4 km do centro, dependendo quase integralmente de deslocações motorizadas, começou por disponibilizar, além do supermercado estruturante, 33 lojas complementares, número progressivamente reduzido por sucessivos encerramentos, sobretudo ao nível do primeiro piso, para actualmente pouco mais contar que os estabelecimentos de pronto-a-vestir e electrodomésticos resultantes da reestruturação, em 2003, da loja-mãe.

Analisando a figura nº 3, na qual são assinalados os principais centros secundários de comércio/serviços da Área Urbana de Évora, pode considerar-se que é numa área localizada a sul da cidade que tende a constituir-se o único pólo moderadamente alternativo ao CH, já que aí se instalaram algumas pequenas indústrias, armazéns e comércio grossista, comércio ligado ao automóvel, incluindo serviços de manutenção e reparações, mas também médias/grandes superfícies comerciais mais ou menos especializadas e alguns serviços (Salgueiro, 2007). Todavia, estas unidades não estão funcional nem estruturalmente articuladas, pelo que está longe de poder ser globalmente considerado como um Centro Comercial na acepção actualmente predominante; não é, por exemplo, praticável ir, na mesma deslocação, aos estabelecimentos de calçado/artigos desportivos

⁶ Com excepção dos ramos automóvel e dos artigos e equipamentos para o lar ou para o escritório.

⁷ O impacto da saída do CH de alguns serviços da Administração Pública é bastante limitado.

Figura 3: Évora. Centros secundários de comércio e serviços. 2012



Fonte: Elaboração própria

Base ortofotográfica obtida através de <http://services.arcgisonline.com/arcgis/services>

(Seaside - nº 5 na fig. nº 3), e de artigos para o escritório (Staples - nº 25 na fig. nº 3); também não existe a componente lúdica (um centro de *bowling* aguarda abertura), quase sempre presente nos centros comerciais. Para além disso, unidades que poderiam consolidar e densificar este pólo optaram por outras localizações; são exemplo disso o AKI (nº 1) e a Electrilar (nº 9).

Neste contexto de inexistência de uma inequívoca área de comércio e serviços alternativa e concorrente com o CH, mas em que a génese dessa área parece emergir na zona a sul da cidade, importa referir que o Plano de Urbanização de Évora, aprovado em Junho de 2011, evidencia que “a necessária reestruturação funcional da cidade visa articular os dois actuais pólos de actividades, o CH e o PITE”, mas também “qualificar a cidade como um todo” (PUE - Alteração: Relatório, Janeiro 2011, p. 10). É nesta última vertente que se enquadra a elaboração do projecto do “Plano de Pormenor da UOPG dos Leões”, por se “considerar que toda a área dos Leões e a frente urbana contígua às Portas de Avis, deve constituir um novo pólo de desenvolvimento que potencie o surgimento de dinâmicas e sinergias favoráveis ao desenvolvimento da cidade e, em particular, à revitalização do Centro Histórico de Évora (CHE)” (PUE - Alteração: Relatório, Janeiro 2011, p. 13).

Para além de novas urbanizações, a UOPG dos Leões prevê também a delimitação de uma “nova zona de terciário (...) referente a uma área comercial de dimensão relevante e impacto de nível regional, que se deverá articular com o CH e com aquela UO” (Plano de Urbanização de Évora – Alteração: Relatório, Janeiro 2011, p. 27).

Considerando, no entanto, que (em Agosto de 2012) está em curso a construção do Évora Shopping⁸ (nº 10 na fig. nº 3), cuja abertura está prevista para a primavera de 2013 e a ampliação do Modelo/Continente (nº 20 na fig. nº 3), e atendendo ainda à conjuntura actual de acentuada crise económica, não parece viável, a curto/médio prazo, a concretização do “Plano de Pormenor da UOPG dos Leões” e, em particular, da prevista nova área comercial. Neste contexto, não são esperáveis, a curto prazo, significativas alterações na estrutura da organização urbana e funcional da cidade, que deverá continuar a ser marcada pela relevância do CH que, todavia, enfrenta a ameaça do despovoamento e envelhecimento populacional e da perda de atractividade, e pela deficiente estruturação e articulação dos diversos sectores extra-muros, onde ainda não se evidencia um núcleo que verdadeiramente constitua um novo pólo estruturante e dinamizador que, complementar e articuladamente com o CH, potencie o desenvolvimento global da cidade.

⁸ Anteriormente designado como Évora Fórum.

NOTAS FINAIS

Apesar da estagnação demográfica registada na última década, Évora continua a ocupar uma posição relevante no sistema urbano português, para o que contribuem factores como a localização geográfica, o papel de “capital regional” e de principal pólo de atracção da região Alentejo e o peso cultural e turístico decorrente da reactivação e afirmação da Universidade e da classificação pela UNESCO do Centro Histórico (CH) como Património da Humanidade.

Inserindo-se claramente no conceito de cidade média (aplicado à realidade portuguesa), Évora apresenta uma estrutura urbana marcada pela posição preponderante do CH (ainda hoje, e apesar das ameaças que sobre ele pairam, entendido por muitos habitantes como “a cidade”) e por um conjunto diferenciado de bairros, deficientemente articulados entre si e com o CH.

Sobre esta estrutura urbana tem sido desenvolvido, pelo menos ao longo dos últimos 30 anos, um conjunto de instrumentos de planeamento que permitiram evidenciar os principais problemas e estrangulamentos e formular as propostas e estratégias de intervenção para os ultrapassar. No entanto, os resultados não têm sido os desejados e muitos problemas da estrutura e organização urbana tendem a permanecer e, mesmo a agravar-se, sobretudo na actual conjuntura regional e nacional.

Assim, os problemas inerentes à redução e envelhecimento da população e a deterioração do estado de conservação dos edifícios do CH podem comprometer o seu papel como principal centro de comércio e serviços da área urbana e acentuar os perigos inerentes ao seu eventual declínio.

O caso de Évora revela, no entanto, alguma especificidade relativamente a outras cidades com equivalente dimensão e posicionamento no sistema urbano nacional e com padrão de consumo semelhante. De facto, contrariando a tendência dominante para que a instalação de novos centros comerciais e de lazer dê origem a inequívocas novas centralidades que estabelecem forte concorrência com o centro antigo e conduzem ao seu declínio, Évora continua a concentrar no CH a maioria das actividades de carácter comercial e de serviços e não se evidencia uma inequívoca área de comércio e serviços alternativa e com ele concorrente.

Porém, tal não significa que o risco de declínio do CH não suscite grande apreensão, pois são já evidentes as ameaças causadas pelo despovoamento e envelhecimento populacional, pela ocorrência de crescente número de edifícios em mau estado de

conservação e pelo encerramento de significativo número de estabelecimentos, por vezes mesmo em localizações bastante centrais.

Se a classificação como Património da Humanidade encheu de orgulho os eborenses e contribuiu para a dinamização e o prestígio da cidade, ela acarreta igualmente responsabilidades acrescidas, pelo que a efectiva adopção urgente das políticas e das medidas tendentes à revitalização e reabilitação do Centro Histórico constitui uma das prioridades em que as diferentes entidades com responsabilidade na gestão da cidade devem centrar a atenção e conjugar os esforços.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Amílcar A. A vocação turística e a lógica de intervenção em áreas urbanas centrais: o caso do núcleo urbano histórico de Cascais. [Dissertação de Mestrado em Geografia]. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdades de Letras, Departamento de Geografia; 2008.
- C.M. Évora. Plano de Urbanização de Évora – Alteração: Relatório. Évora, 2011.
- C.M. Évora. Plano Director Municipal, Relatório; volume II – Proposta. Évora, 2007.
- Comissão Social Inter Freguesias do Centro Histórico de Évora. Diagnóstico Social das Freguesias do Centro Histórico – Évora, 2007.
- Fernandes JR. As actividades comerciais e a valorização das áreas centrais. *Inforgeo*, Julho 2007, pp. 129-35.
- Henriques EB. O Centro Histórico de Dublin (Irlanda) e a experiência de reabilitação de Temple Bar. *Finisterra*, 2006, L, 80, pp. 47-62.
- Leite J. A revitalização do centro histórico de Chaves: o fator cultura. *Revista de Educação da ESE de Fafe*, nº 1, Setembro 2011. Disponível em http://www.iesfafe.pt/tmp/Uploads/Publicacoes%20Internas/jorge_leite_convertido.pdf, (acesso em 22/07/2012).
- Parque Expo 98 S.A. Évora: Recuperar o processo Histórico. Évora, 2008.
- Rodrigues AM. Regulação urbanística e forma da nova expansão urbana: o caso de Évora. [Tese de mestrado em Arquitectura]. Coimbra: Universidade de Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Departamento de Arquitectura; 2006.
- Salgueiro TB (coord). Estudo de Avaliação dos Impactos dos Centros Comerciais na Cidade de Évora, GECIC – Grupo de Estudos Cidade e Comércio; Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; 2007.
- Salgueiro TB. Oportunidades e transformação na cidade centro. *Finisterra*, 2006, XLI, 81, pp. 9-32.
- Simplício MD, Alegria JM. Algumas notas sobre a estrutura funcional terciária de Évora. Évora: CME; 2001.
- Simplício MD. Evolução da Estrutura Urbana de Évora: o século XX e a transição para o século XXI. *A Cidade de Évora*, 2009; II Série, Nº 7, pp. 321-60.